



Às margens da escrita: a literatura de Ferréz

Ricardo Alexandre Rodrigues*

Nas últimas duas décadas, no horizonte da ficção brasileira, ganhou visibilidade um modo de narrar emergente das periferias, que aposta em provocações e reacende o debate acerca do papel da literatura na sociedade. É uma escrita que se alinha com uma causa, exteriorizando o registro de uma conjuntura social degradada, com expressões próprias articuladas para ressignificar e se referir àquela realidade. Os temas relacionados à violência urbana e às desigualdades sociais aparecem sob a perspectiva de quem sofre as consequências, introduzidos numa abordagem crítica, com um misto de denúncia, indignação e conscientização. Nessa linha de composição, as narrativas aparecem entrecortadas de memórias, fluxos de pensamentos e outros relatos que emulam os gêneros documental e testemunhal. Separados, nenhum desses elementos era inédito na literatura brasileira. Contudo, pouco se via da combinação deles. Nem o resultado tinha tanto impacto e notoriedade.

Autor de ficção, compositor de rap, morador da comunidade do Capão Redondo, localizada na zona leste de São Paulo, Ferréz abre novos caminhos para essa literatura emergente, com uma escrita que se articula a partir de eventos e expressões peculiares da periferia. Seu trabalho como escritor, compositor ou dirigente de movimentos sociais incide na criação de espaços e condições para o

* Doutor em Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

relato da favela com suas linguagens, modos de pensar e interagir, numa sociedade que demarca territórios e se alarma com tudo que ultrapassa as fronteiras do lugar-comum. Ele escreve histórias dos outros, que também são as suas próprias e da comunidade.

Ferréz e outros escritores pioneiros da “nova literatura marginal”, que ganhou visibilidade por volta dos anos 2000, investem tinta para radicalmente desassociar a cultura da periferia dos preconceitos formais e das convenções de mercado, procurando aproximar a escrita marginal de uma expressão individual. No traçado dessa literatura, explora-se o potencial da linguagem e do imaginário das comunidades que vivem à margem. Em sua escrita, entrecruzam-se temas, formas de linguagem e estruturas narrativas presentes no cotidiano da periferia, o que marca a diferença em relação à geração de poetas marginais da década de 1970, que também empregavam linguagem coloquial – bem marcada no uso de gírias e palavrões – para dar voz a temas e questionamentos vivenciados pela classe média da época.

Dessa proximidade com o cotidiano da periferia, resultam textos cuja leitura oscila entre a literatura e o relato, entre a ficção e o testemunho. Existe uma investigação de temas, afetos, personagens e pontos de vista fundamental na literatura de Ferréz, pois sua escrita é compromissada com o povo da periferia, conforme ele anuncia no prefácio do livro *Os ricos também morrem* (2015a). As narrativas desse livro se estruturam por meio da dinâmica da linguagem, dos diálogos, interrupções, sobreposições, colagens, fragmentos, repetições irônicas de frases triviais. Essa composição demanda um pacto de leitura em que o leitor deve assumir sua coparticipação, mas não como espectador distante, e sim como alguém que se depara com um diálogo iniciado, um acontecimento no meio do caminho, e sonda

atentamente o quadro constituído, as ideias e as tensões sugeridas pelo tema. O leitor é tomado como testemunha e cúmplice da narrativa, sendo levado a inferir, preencher lacunas, distinguir as falas entrecruzadas dos personagens. Nesse caso, é reafirmado o compromisso do autor com a escrita literária para instaurar possibilidades de ver o mundo, desencadeando mudanças de perspectiva e foco, de exposição e aceção do pensamento.

Essa expansão de perspectivas é fundamental para desarmar os esquemas interpretativos que operam automaticamente, antecipando conclusões e julgamentos sobre as expressões vindas das periferias urbanas. É preciso, antes de tudo, desconstruir o discurso pronto que pesa sobre a periferia, sem cair na cilada das oposições maniqueístas (opressor/oprimido, agressor/vítima). Diz-se isso tendo em mente os contos do livro, os quais parecem armar situações que colocam o leitor em enfrentamento com a estaticidade e rigidez dos estereótipos.

Vale lembrar que o isolamento, juntamente com o desinteresse pela realidade de fora ou à margem dos núcleos difusores e controladores dos comportamentos sociais, favoreceu a apropriação singular e a resignificação do arcabouço cultural – língua, moda, música, dança etc. Por meio de adaptações e improvisos, na necessidade de soluções práticas, foram ganhando autonomia as formas de se dizer e se expressar que transbordaram os limites bem conhecidos e aceitos pelo senso comum. Como grupos à margem do discurso hegemônico, as comunidades da periferia elaboraram suas narrativas nomeando suas experiências e estendendo o repertório de representações existentes sobre si mesmos. Tais narrativas já nascem de uma tensão, pois enfrentam a sociedade que silencia a fala e ignora a vida desses grupos. Por essa via, constrói-se a litera-

tura da periferia dos grandes centros urbanos, fortalecendo novos protagonistas e discursos.

Fruto desse contexto, a literatura de Ferréz se apresenta como objeto autônomo, com estrutura e jogos de significados para apresentar maneiras de ver e pensar de um segmento da sociedade. Na escrita, ele articula referências da comunidade onde vive (cenas, acontecimentos, linguagens) para dar voz à periferia e possibilidade de outros modos de se dizer. A periferia sempre foi objeto do discurso: nas academias, nas políticas públicas, nos palanques eleitorais, nas notícias, alguém falava sobre ela ou dizia no lugar dela. Contudo, essas comunidades deixadas à margem do discurso são ricas em expressões: cantam, tocam, dançam, escrevem, pintam, constroem, costumam...

Atento a essas manifestações, Ferréz fomenta a existência de uma expressão distinta do modelo convencional de produzir e divulgar literatura. Surge, então, a necessidade de novas abordagens para dar nome e visibilidade a uma forma de escrita que permite identificações singulares com a vida nas comunidades da periferia, de cotidiano truculento. É nesse sentido que ele aposta no conceito de “marginal” para se referir a essa literatura e a seus autores: “marginais, ou seja, à margem do sistema, já que falavam de um outro lugar com voz que se articulava de uma outra subjetividade (tá vendo, quem disse que maloqueiro não tem cultura?)” (Ferréz: 2002).

A literatura marginal, também chamada por Ferréz de “literatura combativa”, assume o compromisso de denunciar uma realidade que aparecia desfocada e embaçada porque era vista através dos estereótipos. Contudo, o pacto entre a produção literária com aquela realidade não se restringe ao plano do enunciado ou do relato. Esse pacto acontece sobretudo no plano da enunciação, com linguagem,

gramática e estética próprias das comunidades deixadas à margem. A formulação sintática mais flexível, as expressões cotidianas articuladas informalmente e também o ritmo marcado pela manifestação de emoções são componentes que ajudam a recriar, durante a leitura, a dinâmica da comunicação oral. O autor se alimenta do jeito de falar das pessoas, atento à escolha, à combinação de palavras e às associações de ideias que pretende alcançar. Em uma entrevista em que lhe foi perguntado se as histórias do livro eram reais, esclareceu: “Eu não pego a história, eu pego o tom das pessoas” (Ferréz: 2015b).

Essa é a luta de quem tomou consciência de que uma das estratégias executadas pelos mecanismos de dominação ideológica é a criação de estigmas para demarcar tudo o que escapa à regra, como o fez para o herege, o marginal, o vadio, o louco e outros desajustados. A estigmatização, ao preencher o signo com carga semântica negativa, tenciona prognosticar discursos rebeldes à disciplina e descredenciá-los de qualquer seriedade ou legitimidade.

Em uma compreensão ampla, a literatura se apresenta como lugar privilegiado para encenação de outras subjetividades, ou seja, ela abre espaço para maneiras diferentes de dizer “eu”. Das muitas especulações sobre a natureza literária, em diferentes momentos, fala-se de uma construção de linguagem que resiste à leitura convencional e ao óbvio das interpretações, promovendo, como efeito, a expansão dos limites deliberados.

Constituída desse princípio, a literatura de Ferréz cria condições para que sejam ouvidas manifestações de subjetividades escamoteadas pelo discurso centralizador, generalizador. Essa escrita segue à margem e na contramão do impulso reducionista das sociedades: a redução do ser humano ao sexo (o binarismo homem/mulher); a redução do humano às atividades e práticas; à situação

econômica; a redução do pensamento e dos gestos ao pragmatismo (útil/inútil, ciência/ficção).

Os ricos também morrem, por exemplo, enseja novos pontos de vista e oferece histórias que facultam ao imaginário entrever o modo como aquelas comunidades se referem às suas realidades. A comunidade é composta de várias conjunturas e discursos; não é uma construção linear. Não se trata de situações inventadas, mas imaginadas.

Todavia, Ferréz não enaltece nem desvaloriza a vida na periferia, mas faz o leitor pensar a partir do vasto repertório de imagens e linguagens. Há, então, um esforço para traduzir essa realidade de uma maneira estética, expositiva e, sobretudo, poética, mas sem cair na armadilha do discurso que romanceia ou vitimiza a vida na periferia. Ele investe pensamento sobre questões pontuais acerca das relações interpessoais, dos limites éticos, da sobrevivência no crime e fora dele, da violência, da perspectiva de quem está na margem e vira centro da narrativa.

No conto “Bananas”, são articuladas referências que nos remetem ao cotidiano das comunidades, com sua rapidez de acontecimentos, variedades de situações e tensões que se desdobram na linguagem. Como se lê em outros textos do livro, a narrativa se inicia sem a necessidade de introdução, apresentação ou explicação a respeito das cenas narradas. A maneira como as histórias começam, *in medias res*, lança o leitor direto na tensão dos acontecimentos. A partir dessa construção, fica estabelecido com o leitor o pacto de leitura que se firma no entrosamento e na cumplicidade sobre o relato.

A narrativa se constitui de fragmentos, blocos de pensamentos, entrecortados de humor e ironia diante do trágico, evitando ser lida como relato ou testemunho. É o que desloca o texto da mera

descrição factual. Nesse conto, os questionamentos e reflexões incidem sobre o personagem Mauro Maurício, cujo discurso é interrompido rudemente por personagens que representam o exercício da autoridade: a mãe no âmbito doméstico e o policial no espaço público. “Vai logo Mauro Maurício, se não te arrebento” – ordena a mãe sem ouvir o que o filho tinha a dizer. “Precisa contar história, não. Tô perguntando nada ainda” – interfere o policial, cortando a fala do rapaz. Em casa ou na rua, impera o sistema autoritário das relações interpessoais. Tal modo de tratamento aparece a partir de gestos automáticos, de situações mais cotidianas, sem se limitar a um grupo ou a um contexto.

Sobre o protagonista pesa o estigma de adolescente morador de periferia. Nesse caso, a maneira de olhar e de se relacionar já está determinada por verdades preconcebidas e instituídas. A agressão dos estereótipos não acontece, fatalmente, pelo silenciamento ou pela impossibilidade de um discurso. Na verdade, a opressão aparece na fala presumidamente elaborada ou na imagem arbitrariamente criada para identificar o sujeito, alienando-o do direito de se expressar. Como nos faz pensar, o trabalho com a linguagem não aparece apenas na construção de personagens ou na caracterização do cenário, mas principalmente na problematização sobre os estereótipos decalcados sobre a periferia.

De modo geral, os personagens de Ferréz não escondem desvios de conduta, não escamoteiam pensamentos ou sentimentos, nem têm final feliz. Atuam como sujeitos oprimidos e autoritários, idealistas e solidários, desafortunados e oportunistas, bêbados, miseráveis, viciados. São construídos à imagem conflitante do herói-marginal, isto é, descentralizados, à parte, excêntricos em relação aos padrões instituídos, mas que apresentam habilidades de criar

soluções mais versáteis e menos burocráticas. São dinâmicos e se esquivam da interpretação previsível, diferentes do herói comum, que já é uma referência e tem seu lugar delimitado como ícone de boas condutas.

O herói-marginal é mais fluido, tem comportamentos que oscilam entre oprimido e opressor, entre pacato e inquieto, entre sereno e agressivo. Transita em diferentes espaços, pois conhece os lugares comuns e os esquecidos, os mais movimentados e ainda os ocultos ou ignorados. Move-se melhor entre as emoções e pelo espaço urbano, pois conhece realidades opostas: o centro e a periferia, shopping center e camelôs, o barraco e os modernos condomínios onde trabalha. Representa bem os moradores das comunidades à margem do sistema.

Vale a pena ressaltar que esses contos são estruturados de modo que abra perspectivas para as formas de ver e pensar dos moradores da comunidade. A presença de diálogos em quase todas as narrativas deixa ver a intenção de mostrar a complexa realidade do lugar, por meio da pluralidade de vozes. Na maioria dos diálogos, narradores e personagens se alternam sem o uso do travessão. Mesmo assim, conseguimos identificar cada um dos discursos, pois reconhecemos e compartilhamos as relações de poder e o uso de estereótipos. Com isso, o autor mais uma vez parece querer tomar o leitor como cúmplice nessa situação, fazendo-o reconhecer sua omissão diante do funcionamento e da manutenção do sistema opressor.

Ferréz, como porta-voz da periferia, emprega em seu texto frases que trazem a marca de um investimento estético dedicado à linguagem, à palavra: rimas, trocadilhos, associações de ideias, alegorias verbais, jogos de imagens e outros recursos empregados para conferir expressividade e importância ao saber local. Regras

de conduta, modos de ver, filosofias de vida, todo esse saber local quase sempre irrompe permeado por uma tensão. No final do conto “Bananas”, depois da abordagem agressiva da polícia e em resposta à mãe que cobra pelas bananas, Mauro “levanta o dedo anelar”. O gesto obsceno pode ser lido como alegoria das expressões emergentes da periferia: são manifestações de linguagem carregadas de emoções, que vêm à tona como forma de subversão e combate, reagindo aos clichês, estigmas e estereótipos que limitam o discurso dos moradores da periferia. Essa literatura articula respostas à intolerância acirrada e coloca em cena a hostilidade da cidade, a violência urbana na esfera pública e privada.

Como se vê, a escrita de Ferréz se desenvolve na prática poético-subversiva da linguagem, instaurando a necessidade de pensar os estereótipos e ir além deles. Sua literatura torna-se lugar de resistência à leitura comum, o que faz dela espaço fértil para a produção de novos significados para a periferia. Assim, torna-se indispensável repensar os parâmetros, bem como a função social dessa literatura: qual o lugar do outro em seu discurso? A ficção cumpre o papel de abrir espaços para a encenação de subjetividades. Sobre esse aspecto, Josefina Ludmer, tendo em vista a produção argentina, diz que a abertura para a literatura acontece com “o desejo de ver, em ficção, as temporalidades do presente vividas por algumas subjetividades” (2010).

Com sua força criadora, a literatura é capaz de trazer para o espaço público subjetividades escamoteadas. Temos interesse pela vida do outro, tentamos imaginar como o outro agiria em situações que a vida nos apresenta. Também nos colocamos no lugar do outro e especulamos sobre atitudes, pensamentos, respostas. Nesse caso, torna-se imperativo desmontar certas armadilhas do pensamento

que parecem simplificar e facilitar nossa relação com o mundo. São conceitos e categorias supostamente inocentes e universais, que conhecemos com o nome de preconceções, estigmas, estereótipos, clichês. Estes compõem esquemas de leitura que separam, de forma imediata e maniqueísta, o “certo” do “errado”, o “bem” do “mal”, o “útil” do “inútil”.

O olhar e o pensamento estão sempre circunscritos aos esquemas da razão e do bom senso. Esses esquemas se converteram em nosso próprio olhar e pensamento, de modo que tudo que afeta nossa percepção é imediatamente inspecionado e classificado. Quanto mais estranhamos, mais julgamos. No entanto, é difícil nos colocarmos no lugar do outro, sermos outros, sermos os outros.

As expressões poéticas emergentes das periferias apostam no cuidado estético espreitando visualidades inéditas, reclamando outros olhares e pensamentos. Trazem novos esquemas de leitura e novos conceitos, mas nessa abertura de perspectivas também fazem empréstimo, apropriação, ressignificação e atualização de esquemas antigos. Na operação de leitura com esses textos, acontece, ao mesmo tempo, transgressão, produção e confirmação dos códigos da linguagem.

A atenção que essas manobras da escrita marginal vêm conseguindo desde o final do século passado tem despertado o interesse da crítica. O debate a respeito da tradição literária ganha outra dimensão, com questionamentos sobre critérios de hierarquização e valores culturais. É imperativo conseguir aproximação com tais manifestações literárias a fim de explorar os horizontes poéticos descortinados. Isso implica mudanças na abordagem e revisão das categorias de análise, como as noções de literatura e de autor, por exemplo.

Passamos da celebração da “morte do autor” (Barthes: 2004), em que se propôs buscar outra fonte de significados da obra fora da figura biográfica e burocrática do autor, para o interesse sobre o lugar da fala de quem escreve. O universo verbal onde é produzido e consumido o texto constitui também alvo de investigação. A interpretação credenciada e fechada em uma área de conhecimento tornou-se inoperante faz tempo e cede lugar a uma variedade de paradigmas críticos. A aproximação entre história, ciências sociais, biografias e memórias contribuiu para atualizar e estender a experiência de leitura, trazendo na voz de pessoas biográficas o que elas sentiram e vivenciaram. Nessa circunstância, o diálogo com outras áreas das ciências humanas (sociologia, história, antropologia etc.) é possível e até desejável. Nesse entrecruzamento de referenciais crítico-teórico-metodológicos, desenrola-se a linha crítica denominada de Estudos Culturais.

Na produção literária desse contexto, desenvolveu-se uma escrita híbrida em que se conjugam discursos oblíquos, transversos, deslocados e deixados à margem, como se vê na obra de Ferréz. Esse aspecto híbrido condiz com a multiplicidade da literatura contemporânea, que inclui, entre outros aspectos, a apropriação sarcástica de ícones de consumo, o discurso com marcas do cotidiano e a invocação da memória como testemunho ou como recurso narrativo do trauma.

Neste contexto, a escrita de Ferréz fortalece o processo de emancipação em relação aos padrões de organização do discurso. Essa via marginal vem abrindo oportunidade para novas atuações na cena literária, como escritores moradores da periferia ou excluídos da sociedade, ex-presidiários narrando sua vivência sem a necessidade de mediadores na construção do discurso, assumindo sua voz, sua linguagem, com marcas autorais que não se limitam a recursos

estilísticos, mas reivindicam outros olhares, outras relações com o público. Dessa forma, o modo de ver, sentir, pensar e dialogar com o mundo ganha visibilidade no complexo urbano, o que é importante para a afirmação das culturas da periferia, para a valorização das identidades e suas origens. Na leitura dos escritos de Ferréz, impressiona a habilidade humana de ficcionalizar o mundo e os acontecimentos vivenciados, para tentar dar algum sentido, algumnexo para a vida.

Referências

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FERRÉZ. “Terrorismo literário”. *Caros amigos. Literatura marginal: a cultura da periferia – ato II*. São Paulo: Caros Amigos, 2002. Disponível em: <<http://litnomedio.blogspot.com.br/p/ferrez-na-caros-amigos.html>>. Acesso em 2 de outubro de 2016.
- _____. *Os ricos também morrem*. São Paulo: Planeta, 2015a.
- _____. “Até hoje eu não sei o que é pior: a igreja ou a droga”. Entrevista concedida a Marina Rossi e Antonio Jiménez Barca. *El País*. São Paulo: 25 de abril, 2015b. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/21/cultura/1429627864_042387.html>. Acesso em 2 de outubro de 2016.
- LUDMER, Josefina. “Literaturas pós-autônomas”. *SOPRO: panfleto político-cultural*. Jan. 2010. Tradução de Flávia Cera. Disponível em: <<http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/posautonomas.html>>. Acesso em 23 de outubro de 2015.

Resumo

A produção deste artigo foi impulsionada pelo debate acerca de antigos conceitos e novas práticas de composição e leitura na contemporaneidade. Partimos da constatação de que, no presente, os autores da autointitulada “literatura marginal” buscam se livrar de preconceitos formais e de convenções de mercado, ao mesmo tempo que tentam conferir visibilidade às culturas da periferia. Em seguida, concentramos a análise na escrita de Ferréz, trabalhada como alternativa de expressão ética e estética. Ancorada na periferia, sua coletânea de contos *Os ricos também morrem* (2015) suscita as mais variadas reflexões sobre temas como o papel da literatura, a relação entre autor, autoria e autoridade, além de outras questões igualmente relevantes na atualidade.

Palavras-chave: *literatura marginal; Ferréz; Os ricos também morrem.*

Abstract

The writing of this article was stimulated by the debate about old concepts and new practices of composition and reading in the contemporaneity. We start from the perception that nowadays the authors of the so-called “marginal literature” seek to get rid of formal prejudices and market conventions, while trying to win visibility for the cultures of the periphery. Next, we focus the analysis on the prose fiction by Ferréz, created as an alternative of ethical and aesthetic expression. Anchored in the periphery, his collection of short stories *Os ricos também morrem* (2015) raises the most varied reflections on issues such as the role of literature, the relationship between author, authorship and authority, as well as other equally relevant themes.

Keywords: *marginal literature; Ferréz; Os ricos também morrem.*